

6

Discussão

A análise das apostilas e das entrevistas sinaliza que o autor do material é um profissional preocupado com sua prática pedagógica. Com seu material, ele contribui para a melhoria de seu ambiente. O conjunto de apostilas serve tanto para facilitar seu trabalho e o de seus colegas, quanto para prender a atenção dos alunos que as utilizam.

Portanto, seu trabalho é voltado para atender as necessidades dos profissionais que trabalham com ele e para melhor contribuir na educação de jovens com perfil já conhecido do autor. Por isso, ele é eclético e tenta adaptar as teorias que conhece para melhor elaborar seu material.

Retomando o trabalho de Carmagnani (1997), temos vários pontos relevantes no material de Paulo. Um material didático organizado em ambiente adverso pode ter consequências, tais como a limitação de conteúdos, a rigidez de trabalho em sala de aula e, sobretudo, a impossibilidade de os interlocutores interferirem na sequência pré-estabelecida, nem sempre adequada ao grupo de aprendizes (Carmagnani, 1997). O caso de Paulo foge a esse quadro, já que o autor do material investigado neste estudo deixa os professores livres para modificar a sequência das unidades e adicionar exercícios.

Em sua pesquisa, Carmagnani (1997) constatou que o conjunto de apostilas de uma escola particular apresentava características fixas com a seguinte ordem: introdução, exercícios resolvidos e exercícios de aula. Essa sequência não foi observada nas apostilas analisadas, pois elas apresentam características próprias: não são fragmentadas, têm uma sequência, não são uma adição a algo anterior e não contêm material avulso. Ademais, os professores estão livres para seguir a ordem que quiserem.

O material apostilado é, muitas vezes, fonte única de um conhecimento fragmentado em disciplinas ou matérias. Nesse contexto, as apostilas tornam-se “bits de informação”, isto é, um material mais fácil de ser vendido e com menos qualidade, mas que agrada a sociedade consumista que privilegia a quantidade ao invés da qualidade (Carmagnani, 1997). No entanto, o conhecimento no material

analisado não é fragmentado, pois ele sempre trabalha os mesmos elementos da estrutura textual. As apostilas têm um custo mais baixo justamente para atingir todos os alunos e, por isso, têm uma apresentação simples composta por fotocópias em preto e branco.

Para Carmagnani (1997), “a educação bancária¹⁵ reaparece nas apostilas com uma força muito maior que nos livros didáticos” (p.54). Porém, o conjunto de apostilas analisado foge à educação bancária, visto que ele faz o aluno pensar e compreender o processo de aprendizagem. Esse processo é uma preocupação do autor do material, que adota a abordagem instrumental com o propósito de adequar seu material ao perfil de seu público, atendendo suas necessidades e objetivos de aprendizagem.

Em geral, as apostilas têm características positivas, já que são ágeis e podem ser atualizadas em um curto período de tempo. Quanto ao material em estudo, observo que é um material de curta duração, porque sofre modificações a cada dois anos. Como Paulo afirma, “o motivo da mudança na apostila foi sempre a modernização”, por isso “o texto que já estava caduco e falava de coisas que já estavam ultrapassadas” (linha 80 a 83) era retirado.

Outro aspecto evidente da apostila é que ela pode ser um complemento que estimula o interesse do aluno pelo material didático tradicional. Nesse estudo, a apostila não é um complemento, mas sim o material principal. Ela exibe uma apresentação fechada de conteúdo, de temas e de atividades que não dão margem a extrapolações.

6.1

Entrevistas

Comparando as duas entrevistas, entendo que o autor realmente tem a intenção de elaborar um material cujo fundamento é a abordagem instrumental. Assim, ele enfatiza o estudo por temas, já que seu objetivo é preparar seus alunos para a prova de vestibular. Segundo o autor das apostilas, o programa de estudo

¹⁵ Educação bancária pode ser definida como o modelo tradicional de prática pedagógica no qual a tarefa do professor é transmitir de forma passiva os conteúdos. Nesse modelo de ensino, o professor é considerado o detentor do saber, aquele que sabe tudo, ao passo que o aluno é visto como aquele que nada sabe.

baseado em temas contribui para a preparação dos alunos para a prova de ingresso nas universidades.

A escolha de artigos de revista para a terceira série foi a melhor opção de aprimoramento da leitura para os alunos que vão prestar exame de ingresso para a universidade, pois esse gênero é o mais recorrente nesses exames. Percebo que o autor não entende o ensino de gênero segundo uma abordagem linear (Dolz, Noverraz & Schneuwly, 2004, p. 123), onde o estudo de textos narrativos precede o estudo de textos informativos e argumentativos.

Percebo, também, que esse material é organizado por temas que reúnem gêneros variados para leitura e que a aplicação da noção de gêneros textuais não está bem clara para o autor. Ele faz a seguinte afirmação:

105		unidades nos buscamos também a questão temática. Outra coisa, as
106		apostilas não são organizadas de acordo com o gênero textual
107		até por que o estudo teórico de gênero. Não tem um estudo. Não tem
108		conclusões avançadas em relação a todos os gêneros. Não tem uma
109		fonte na qual a gente pudesse se basear para trabalhar os gêneros.
110		dentro de uma escola de ensino médio não existe um gênero
111		específico, já numa escola técnica você pode até certos gêneros
112		específicos, ah né?
113		Num curso de química, você tem certo tipo de gênero comum, se for
114		um curso de enfermagem também um curso de ensino médio, os
115		gêneros variam muito, né? Então não tem como organizar por
116		gêneros. Então, a gente organizou por tema e dentro dos temas, os
117		textos que a gente trabalha a gente chama atenção para questão dos
118		gêneros.

Ele não compreende que ele mesmo pode estudar um gênero textual antes de apresentá-lo a seus alunos. Ademais, realmente não existem gêneros específicos para os cursos de formação geral. Os alunos desses cursos podem estudar qualquer gênero, assim como os alunos do curso técnico não devem apenas estudar gêneros ligados a sua área de atuação.

Observando a transcrição da entrevista, entendo que Paulo usa seu senso de plausibilidade e argumenta bastante suas decisões. E apesar de toda essa controvérsia, ele é bastante eclético. Seu ecleticismo pode ser observado quando ele ora enfoca o uso da abordagem instrumental e o ensino de leitura com aplicação de gêneros textuais, ora enfoca o ensino sistemático de gramática; criando uma metodologia própria que se ajusta ao corpo docente e discente do colégio em que ele trabalha.

6.2

Apostilas

As apostilas refletem as crenças e o conhecimento do autor. Ele conhece bastante a abordagem instrumental e começa a incluir a noção de gêneros no seu trabalho para melhor atender as necessidades de sua clientela. A liberdade de escolha sobre aquilo que julga ser melhor contribui para o trabalho do autor. Por isso, a metodologia e a análise dos dados desta pesquisa foram feitas de modo que não se perdesse a originalidade de sua criação.

De acordo com Glaser (1978, apud Denzin & Lincoln, 1998), uma boa teoria tem categorias de análise que se encaixam nos dados selecionados; é relevante para investigar o que está acontecendo na pesquisa; pode ser usada para explicar, antecipar e interpretar os dados; e também pode ser modificada. As categorias de Ramos (2004) foram relevantes para a análise em questão, pois ajudaram-me a explicar, antecipar e interpretar o que estava acontecendo no material estudado.

Portanto, a proposta de Ramos (2004) direcionou as explicações sobre a constituição do material estudado, composto por textos, enunciados e exercícios que refletem as bases da abordagem instrumental e gêneros textuais. Essa composição de bases complementares sugere que as crenças e valores do autor do material estão subjacentes ao seu perfil eclético.

Avaliando a análise dos dados selecionados, comparo a proposta de Ramos (2004) com o material apostilado. Para aplicar Ramos (2004) à apostila, tornou-se necessário produzir o modelo adaptado que utilizei na análise do material. Porém, apesar disso, observo vários aspectos convergentes entre Ramos (2004) e o autor da apostilas, pois a maior parte das unidades desenvolvidas pelo autor é iniciada pela fase que Ramos (2004) intitula “apresentação”.

Ambos acreditam que o aluno deve conhecer o contexto em que o gênero está inserido. Tanto Ramos (2004) quanto Paulo entendem que o aluno deve ter consciência dos aspectos do contexto do gênero e deve verificar de antemão se já conhece o gênero a ser estudado.

Ramos (2004) apoia-se em Bhatia (1993:39) para afirmar que é necessário “que se faça um estudo prévio do gênero a ser ensinado” (2004:116). Paulo aproxima-se dos teóricos, ao afirmar que deveria haver estudos prévios dos

gêneros para que eles fossem estudados em sala de aula: “Não tem um estudo. Não tem conclusões avançadas em relação a todos os gêneros. Não tem uma fonte na qual a gente pudesse se basear para trabalhar os gêneros”.

No entanto, o autor não se propõe a desenvolver um estudo sobre nenhum dos gêneros de seu material. Ele apenas espera que algum estudioso do assunto execute a tarefa de analisar a estrutura de um determinado gênero. Curiosamente, ele destina algumas unidades para estudar apenas um gênero, por exemplo, o manual de instruções. Minhas reflexões pessoais levam-me a interpretar o estudo desse gênero como uma tentativa inconsciente de iniciar o estudo prévio do gênero a ser ensinado.

Observando a análise dos dados, posso interpretar que muitos exercícios conduzem o leitor a observar o texto e não o gênero em si. Esse fato faz com que o trabalho de Paulo distancie-se um pouco da proposta de gênero textual cunhada por Dolz & Schneuwly (1997), a qual define gênero textual como um instrumento de comunicação.

A leitura de textos sem considerar sua característica genérica não contribui para o desenvolvimento das estratégias de aprendizagem (Dolz & Schneuwly, 1996) que são usadas para compreender o contexto social. Assim, nesse contexto de leitura, isto é, sem interação, sem observar o gênero no seu contexto real, podemos nos perguntar se o aluno será capaz de entender o gênero encontrado no material.

Quanto à sequência didática, pode-se afirmar que Paulo aproxima-se da proposta de Dolz & Schneuwly, visto que seu material pode ser considerado um módulo que se adapta à realidade dos alunos e da escola sem seguir obrigatoriamente uma ordem. As alterações feitas na sequência ocorrem durante o período de regência. Uma característica que relaciona as apostilas à proposta de Dolz & Schneuwly é o fato de o autor abordar gêneros que estão na prática social.

Outro ponto observado é que ele varia os gêneros de acordo com a capacidade dos alunos, ou seja, escolhendo primeiro os gêneros mais simples e seguindo para os mais difíceis. Não há uma ordem de inserção dos gêneros, eles são incluídos no material de duas formas: primeiro, à medida que o autor os encontra no seu meio de circulação; ou segundo, respeitando a ordem das apostilas anteriores. Por fim, verifico também que nesse material não há nem uma

proposta metodológica para o professor, nem as chaves de respostas dos exercícios propostos.

Paulo acredita que o estudo de gramática seja importante para a transformação dos alunos em leitores, por isso desenvolve atividades que se baseiam na abordagem instrumental, trabalhando aspectos gramaticais gerais dos textos sem focalizar, salvo em alguns casos, a particularidade de cada gênero.

Essa proposta de trabalho do autor pode ser entendida como uma forma de tratar o texto como um produto para ensinar aspectos léxico-gramaticais, mas ele nega que suas apostilas deem ênfase ao estudo de gramática,

50		Níveis de leitura. Na verdade, perpassam as três séries, nas três
51		apostilas, são destacados alguns aspectos gramaticais característicos
52		daquele gênero textual, tá? Onde estão caracterizando os textos dentro
53		daquele tema. Não existe uma ênfase específica, não existe uma ênfase
54		específica na gramática ((autor faz sinal para um aluno que quer falar com ele))
55		não existe uma ênfase específica em gramática. A gente tenta cobrir
56		os pontos gramaticais mais comuns, né?. No ensino de língua inglesa.

Percebo que Paulo tem a pretensão de trabalhar os elementos léxico-gramaticais do texto: tanto o vocabulário mais relevante, como os componentes pertencentes à estrutura do texto. Não pretende trabalhar apenas as formas verbais, mas também outros itens, tais como os elementos que contribuem para a coesão e a coerência textual.

Paralelo ao trabalho com a estrutura do texto, vale observar as mudanças de formatação dos textos selecionados para as apostilas. O autor realizou modificações na apresentação dos textos, inclusive com mudanças na linguagem do texto.

Essas ações contrariam as proposições da abordagem instrumental quanto ao uso do texto autêntico no ensino de leitura. Porém, a interferência de Paulo no texto original revelou seu conhecimento sobre sua área de atuação profissional e denotou suas finalidades pedagógicas.

Ademais, sem a intervenção de pessoas alheias à realidade da sua prática pedagógica, o autor pode desenvolver seu trabalho segundo suas crenças. É importante ressaltar que tudo isso significa que Paulo lançou mão de teorias e propostas de trabalho que representavam seus valores pedagógicos.

Esse confronto entre a proposta de Ramos (2004) e o trabalho do autor do material não teve vencedores ou perdedores. Na verdade, tanto Ramos quanto

Paulo ganharam, pois se constata que ambos são importantes para a teoria e para a prática pedagógica relacionadas ao ensino de leitura e gêneros textuais. Provavelmente, a prática do autor das apostilas poderá ser uma nova teoria amanhã. Seu perfil eclético simboliza a própria natureza humana: complexa e resultante de vivências passadas que ajudam a pensar o futuro.